

A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: VIVÊNCIAS REAIS DE MONITORIA PIBASIC COM ALUNA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.

Cassiane Pinto Pantoja¹
Carlos Marone Silva Soares²
Marilene Garcia da Silva³
Antonio Junior Ribeiro Lopes⁴

RESUMO

O presente trabalho apresenta consigo relatos reais vivenciados no Ensino Fundamental II da Escola de Aplicação da UFPA, trazendo à tona experiências do cotidiano da monitoria PIBASIC observados durante o ano letivo de 2025, tendo como foco o processo da construção de vínculo entre uma aluna diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Opositor Desafiador (TOD) com sua monitora. O objetivo é entender através desses relatos que esses processos afetuosos podem ser vistos como uma prática pedagógica na perspectiva da educação inclusiva, uma vez que os desafios iniciais normalmente levam os monitores ao abandono de seus alunos, por considerarem algo muito desafiador. Tendo isso em vista, este trabalho visa compreender e incentivar a persistência docente diante do comportamento dos alunos da educação especial, onde os fatos observados e as conclusões obtidas serão fundamentados por obras de autores como Jean Piaget, Paulo Freire e Maria Teresa Eglér Mantoan, que enfatizam a compreensão esperada, descrevendo pontos observados no desenvolvimento humano. Com base no que é descrito por esses autores, relacionado ao que foi observado na monitoria, será instigado o pensamento crítico voltado para um olhar mais empático às pessoas portadoras de qualquer tipo de transtornos ou deficiências, afim de compreender o processo de desenvolvimento dos alunos e das suas especificidades, mostrando que a não desistência gera um vínculo forte entre monitor-aluno, e que isso influencia no desempenho dentro e fora de sala, enfatizando que essas observações não são constituídas apenas de dimensão afetiva, e sim de algo valioso e fundamental para a prática pedagógica inclusiva.

Palavras-chave: Construção de Vínculo; Educação inclusiva; Prática pedagógica; ambiente escolar; Monitoria PIBASIC.

INTRODUÇÃO

A educação na perspectiva inclusiva deve entender e respeitar o direito de todos os alunos, sem limitar o acesso à escola a nenhum deles, garantindo uma aprendizagem de

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Química, pela Universidade Federal do Pará, Monitora da Educação Especial e Inclusiva, e-mail: cassianepantoja18@gmail.com;

²Graduando em Licenciatura em Química, pela Universidade Federal do Pará, Membro do Grupo de Pesquisa Sobre aprendizagens e Práticas Pedagógicas Inclusivas (GEPAPPI), e-mail: carlosmarone90@gmail.com;

³Monitora da Educação Especial e Inclusiva, Estudante do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: marilenegarcia359@gmail.com;

⁴Professor Substituto de Educação Especial e Inclusiva, Mestre em Administração, e-mail: anjrlopes@gmail.com

qualidade, convivência e pertencimento. Se for analisado por esse lado, é nítido que o papel do educador vai muito além do que somente repassar conteúdo em sala, envolve a criação de práticas que respeitem e acolham as singularidades de cada um, com formas variadas de os compreender e ajudar no desenvolvimento dos alunos da melhor forma possível, conforme escrito por (MONTAÑAN, 2003, p. 16).

“a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar apenas os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia todos os alunos, professores e demais profissionais que compõem a comunidade escolar”

Análogo à autora, a inclusão não se resume à presença do aluno em sala de aula, é essencial repensar posturas e rever concepções que ao longo do tempo foram formadas e aceitas como inclusivas, mas que na verdade são muito limitadas. Entende-se através disso que o papel do educador ultrapassa a adequação de conteúdos, envolve relações e construções de métodos pedagógicos que tornem o processo de aprendizado voltado para a educação especial mais inclusivo, com base nisso, os relatos presentes neste trabalho foram desenvolvidos com o objetivo de incentivar à persistência dos profissionais diante das dificuldades enfrentadas, as quais muitas vezes são vistas como agressivas e propositais, quando na verdade se tratam de algo que é difícil para o próprio aluno saber lidar, e essa persistência vinda da parte do monitor pode acabar sendo muito benéfico na construção de vínculo entre monitor-aluno, que ao final agrega significativamente no desempenho do mesmo na sala de aula, tal situação tem como exemplo fatos reais vivenciados pela monitoria PIBASIC desenvolvidas no período letivo de 2025, com uma aluna da educação especial, diagnosticada com TOD e TEA, apresentando dificuldades superadas que hoje contam como pontos positivos no seu desenvolvimento. Através desses relatos, é possível compreender a construção desse vínculo como prática pedagógica inclusiva, uma vez que formado, serve como algo que incentiva o aluno a se sentir incluído, amado e respeitado no âmbito escolar.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como um fundamento de observação e análise reflexiva das atividades avaliadas no ambiente escolar, tendo natureza qualitativa por ter ocorrido através de relatos vivenciados na monitoria PIBASIC, observando e entendendo o comportamento de uma aluna diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Opositor Desafiador (TOD), na Escola de Aplicação da UFPA, mais especificamente do Ensino Fundamental II.

A partir de fatores como o cotidiano escolar e interações pedagógicas, que foram estabelecidas por causa dos comportamentos apresentados pela aluna, os dados desse trabalho foram construídos, observados e escritos, adotando a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), entendida como um conjunto de técnicas sistemáticas e objetivas de descrição e interpretação de comunicações. Aqui estão constituídos registros pedagógicos, baseados nos relatórios de acompanhamento escritos durante o ano letivo, abrangendo o processo como um todo, desde a aluna não gostar da monitora, não aceitar ajuda, não interagir, não permanecer em sala, até o dado momento que ela começa a criar laço afetivo, demonstrar carinho, aceitar ajuda nas atividades e, até mesmo, sentir falta e procurar pela monitora quando a mesma falta. O processo de observação e acompanhamento ainda não chegou ao fim, a cada dia, mais coisas são observadas e novas surpresas são presenciadas, entretanto, no ano letivo de 2025 foi onde tudo isso se desenvolveu, então o foco deste trabalho está nesse período.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO

Como já citado acima, os relatos contidos neste material foram desenvolvidos no Ensino Fundamental II da Escola de Aplicação da UFPA, durante 1 ano de acompanhamento na monitoria PIBASIC de uma aluna com diagnóstico de TEA e TOD, na sua fase de transição para a adolescência. O início de tudo isso é marcado por momentos desafiadores, que muitas vezes foi levado ao pensamento de desistência diante das dificuldades enfrentadas e comportamentos opositores, tanto com relação às atividades em sala, quanto ao comportamento pessoal da aluna com sua monitora, gerando conflitos e desordem no ambiente de sala de aula e na relação monitor-aluno. Diante de tudo isso, as resistências da aluna foram interpretadas como barreiras, e na perspectiva da educação inclusiva, Mantoan (2003) explica que a escola é um espaço de todos, onde as diferenças não são vistas como obstáculos para absolutamente nada, ela entende isso como elementos construtivos do processo educacional, onde incluir não é adaptar o aluno à escola, mas transformar a escola para acolher as singularidades de cada aluno. Muito do que a autora escreve foi trabalhado neste contexto para que tudo ficasse confortável e respeitasse as emoções e comportamentos vindo da aluna. Foi necessário compreender que tudo o que estava acontecendo, não era “porque ela queria”, e sim porque ela enfrentava desafios próprios do desenvolvimento de suas condições específicas, logo, métodos deveriam ser adotados para amenizar todo aquele conflito, pois a vontade de querer ajudar a mesma e entender suas peculiaridades, foram maiores que os pensamentos de abandono.

É compreensível que no momento onde tudo está acontecendo parece difícil, é comum pensar que é um fardo pesado demais, entretanto é importante a empatia de entender que, para o espaço de ensino se tornar acolhedor e inclusivo, devemos quebrar a ideia de que certas ações vindas dos alunos (muitas vezes consideradas agressivas e propositais) são intencionais, porque não são, e para entender isso, podemos destacar pontos que Jean Piaget (1988, p. 55) destaca sobre as fases da vida, a qual apresenta, segundo ele, características próprias, sendo difícil de ser compreendida para todos nós, pensando assim, se pegarmos o que o autor diz e voltarmos isso para o público alvo da educação especial, conseguimos ter dimensão dessa dificuldade de lidar com as emoções vivenciadas por eles, que influencia no comportamento de cada um, de acordo com suas especificidades. Ainda levando em consideração o que é escrito pelo autor, na adolescência, o ser humano passa por processos de transformações cognitivas, emocionais e sociais, apresentando desafios significativos para todos, com isso, se analisarmos essa dificuldade humana em um olhar inclusivo, veremos que, quando associadas à uma pessoa em condições como TEA e TOD, essa fase pode ser potencializada e dificilmente compreendida até mesmo pela própria pessoa e, com isso, entendemos o porquê de certas atitudes vindas da aluna, que acabavam sendo enxergadas como obstáculos: ela não gostava de ser contrariada, o que muitas vezes fazia com que não quisesse ajuda nos deveres, o excesso de posse que a mesma demonstrava, diversas vezes influenciava na sua interação com a monitora, pois, por ela gostar de exclusividade, não se sentia bem ao ver sua ela interagindo com outras crianças, por pensar que facilmente seria substituída. A aluna já vivência a fase complicada da adolescência, quando vista pelo lado que considera seu diagnóstico, percebemos o quanto é complexo e porque gerava tantos conflitos, os quais sem o diálogo correto, se tornava um problema enorme para seu desenvolvimento. É exatamente nesse ponto que está a busca pela reflexão ao não abandono nesse tipo de situação, assim como à persistência na construção de vínculo e no entendimento voltado para o olhar empático do educador, que compreendendo isso, pode entender e usar o afeto como prática pedagógica inclusiva, olhando o vínculo formado como algo que incentive o aluno a se sentir incluso, amado e respeitado no ambiente escolar.

Para fins, é importante destacar que o papel do educador em situações como essa descrita, é encontrar métodos de lidar com isso sem ignorar aquilo que está sendo sentido pelo aluno no momento. Paulo Freire (1996, p. 59) nos ensina sobre respeito e autonomia, ele nos descreve pontos cruciais sobre o compromisso ético com a formação, onde podemos enfatizar a persistência vinda como uma forma de posicionamento pedagógico de não desistir dos alunos diante das dificuldades. Na situação apresentada foi necessário repensar métodos que reconhecessem a importância de entender primeiro o que deixava essa aluna daquele jeito e, de que maneira aquilo poderia ser resolvido, para que, assim, fosse construído um vínculo naquela relação, gerando confiança, afeto e respeito entre a aluna e sua monitora, amenizando os conflitos e tornando o espaço educativo mais leve. Atitudes como posicionando, conversa, demonstração de afeto e transmissão de confiança foram tomadas, afim de mostrar para a aluna que, independentemente das interações com os outros alunos, expressões de sentimentos e tudo que viesse a ser enxergado por ela como pontos negativos, jamais influenciariam algo ruim, a mesma jamais seria deixada de lado, ou mesmo diminuiria a importância que ela tinha ali, dessa forma, a confiança foi sendo estabelecida e aos poucos o vínculo foi se formando, implicando gradativamente no bem estar da relação, após isso as coisas foram se tornando mais leves, até que as barreiras foram vencidas, fazendo com que a aluna se sentisse segura no ambiente escolar, ao ponto de, hoje em dia, ela gostar desse espaço, permanecer em sala (que era uma das maiores dificuldades no início), realizar as atividades com entusiasmo e até mesmo sentir falta de sua monitora quando a mesma falta, levando-a a procurar por ela na coordenação e querer saber o que está acontecendo. Esse vínculo não eliminou completamente os desafios, mas mudou a forma de enfrentar eles, a permanência ao lado da aluna diante das dificuldades se constituiu em um ato de resistência contra a inclusão, abrindo espaço para uma relação baseada em confiança, que hoje em dia influencia positivamente no desempenho da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada nos traz à reflexão de que a inclusão não é somente sobre adaptações de conteúdos, não está relacionada apenas a estratégias técnicas ou qualquer coisa similar a isso, a inclusão está na construção de vínculos significativos nas relações. São apresentadas diversas formas de enxergar, compreender e acolher os alunos, de forma que isso se torne ferramenta para tornar o ambiente escolar em espaço inclusivo, leve e prazeroso, tanto para eles, quanto para nós monitores, podendo relacionar consequentemente com nossa rotina diária enquanto cidadãos de bem, pois através dessas compreensões, demonstrações de afeto e acolhimento, passamos a ser mais empáticos, isso nos molda positivamente, fazendo com que tenhamos um olhar mais sensível e amoroso.

A este ponto, conclui-se que a construção de vínculo poder ser vista como uma prática pedagógica, uma vez que ela ajuda no desenvolvimento do aluno, a qual temos como exemplo a história descrita neste trabalho, onde as dificuldades foram vencidas e transformadas em algo que contribui positivamente para o desempenho educacional da aluna. Com isso, incentivo todos a terem esse olhar crítico, pois transforma não apenas o estudante, mas também o educador, ampliando seu posicionamento sobre o papel da escola e, da mesma forma, moldando e aperfeiçoando seu olhar carismático em relação à vida humana como um todo. Já dizia Paulo Freire: *“a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”*, educar exige riscos, ausência de temor, persistência, educar é mudar a realidade ainda que pareça muito desafiadora, é resolver isso através de diálogos, para que assim seja construído um ambiente agradável, acolhedor e mais inclusivo. A persistência docente, quando aliada à compreensão das singularidades do estudante, mostra-se elemento essencial para a consolidação de práticas inclusivas mais humanas e efetivas. Espera-se que este trabalho contribua para provocar reflexões sobre o papel do educador diante dos desafios da educação especial, incentivando

posturas de permanência, sensibilidade e compromisso, e que possa influenciar positivamente a construção de uma educação inclusiva cada vez mais acolhedora e transformadora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.